

# AS ESTÓRIAS DE FADAS NA CIDADE DE DEUS: TEORIA LITERÁRIA DE J.R.R. TOLKIEN E AS VIRTUDES CARDEAIS DE SANTO AGOSTINHO.

Diego Klautau

Mestrando em Ciências da Religião - PUC/SP

dklautau@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo trata dos conceitos literários de J.R.R. Tolkien de Estórias de Fadas, Fantasia, Sub-Criação e Eucatástrofe; através do poema *Mythopoieia* (1930), do ensaio *Beowulf: The Monsters and the Critics* (1936) e do ensaio *On Fairy-Stories* (1939) podemos tecer uma teoria literária que entende sua finalidade como uma expressão religiosa, buscando similitudes com o pensamento de Santo Agostinho, especificamente nas quatro virtudes cardeais, expressas nos livros *Cidade de Deus* (426) e o *Livre Arbítrio* (388), assim como a glória das nações pagãs e a presença de virtudes que justificassem elementos da verdade em povo pagãos. Assim como antigas virtudes romanas poderiam ser exemplos para os cristãos, também nos mitos escandinavos, como Beowulf, poderiam ser encontradas virtudes pertinentes a revelação cristã. Por fim, também as estórias de fadas, sub-criadas, podem e devem ecoar elementos do evangelho cristão.

Palavras-Chave: Literatura, Cristianismo, Virtudes.

Abstract: This article deals with literary concepts by J.R.R. Tolkien, as Fairy-Stories, Fantasy, Sub-Creation, Eucatrastophy; trough poem *Mythopoieia* (1930), essay *Beowulf: The Monsters and the Critics* (1936), and the essay *On Fairy-Stories* (1939) we can understand a literary theory which understand its goal as a religious expression, searching similarities, with Saint Augustin thought, mainly in the four cardinals virtues, expressed in the book *City of God* (426) and *Free Will* (388), as well the glory of pagan nations and the presence of virtues which justify elements of the truth in a pagan people. As old roman virtues could be exemples for christians, scandinavian myths could be also, like Beowulf, and could be find pertinent virtues for christian revelation. In the end, as well, fairy-stories, sub-created, can and must echos elements of christian gospel.

Key-Words: Literature, Christianity, Virtues.

“But even as hope died in Sam, or seemed to die, it was turned to a new strength. Sam’s plain hobbit-face grew stern, almost grim, as the will hardened in him, and he felt through all his limbs a thrill, as if he was turning into some creature of stone and steel that neither despair nor weariness nor endless barren miles could subdue<sup>1</sup>.”  
(Tolkien, 2005, p. 934)

## 1) Tolkien e sua teoria literária.

A partir da experiência dos folcloristas da Inglaterra como Georges Macdonald<sup>2</sup> e Andrew Lang<sup>3</sup>, J.R.R. Tolkien<sup>4</sup> produziu seu *legendarium*<sup>5</sup>, um ciclo de escritos sobre o universo da Terra-Média, onde desenvolveu toda uma realidade fantástica, com seres inteligentes e mágicos, criaturas horrendas e angelicais, semideuses e demônios. Através de uma criação literária que se estendeu por vários livros, poemas e contos, Tolkien propôs uma concepção de literatura fantástica que retomou perspectivas em ambientes pré-modernos de narrativa, fundamentalmente as narrações mitológicas gregas, romanas e escandinavas, os poemas épicos e as narrativas bíblicas.

---

<sup>1</sup> “Mas no momento em que a esperança morria em Sam, ou parecia morrer, ela se transformou em uma nova força. O rosto simples do hobbit ficou austero, quase cruel, no momento em que sua disposição se endureceu, e ele sentiu um frêmito percorrer-lhe pernas e braços, como se tivesse se transformado em alguma criatura de pedra e aço, que não poderia ser subjugada nem pelo desespero, nem pelo cansaço, nem por milhas infundáveis de terra desolada” (Esteves, 2000, p.989)

<sup>2</sup> Folclorista Escocês (1824-1905). Um dos primeiros compiladores de lendas e contos de fadas escandinavos e da Grã-Bretanha.

<sup>3</sup>Folclorista Escocês (1844-1912). É atribuído a Lang a descoberta de uma relativa presença da crença em um ser Supremo em muitas populações não-letradas, criador e indicador ético. Ver FIROLAMO, Giovanni e PRANDI, Carlo. As ciências das religiões. São Paulo, Paulus, 1999

<sup>4</sup> Nasceu na África do Sul em 1892, no período do imperialismo inglês na África. Mudou-se para a Inglaterra ainda criança, onde estudou, trabalhou como professor de filologia e anglo-saxão nas universidades de Leeds e Oxford. Casou-se com Edith Bratt, teve quatro filhos, foi católico convicto e questionou fortemente a fundamentação do nazismo na mitologia escandinava. Morreu com honras do império britânico e consagrado no mundo inteiro por sua criação em 1973. Ver CARPENTER, Humphrey. J.R.R.Tolkien Uma Biografia. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

<sup>5</sup> Termo cunhado pelo próprio Tolkien, em suas cartas, para descrever a totalidade de sua criação literária relativa à Terra Média.

Entre os diversos livros do *legendarium* estão entre os publicados em vida ou postumamente *O Hobbit* (1937), as três partes de *O Senhor dos Anéis* (1954-1955), *As Aventuras de Tom Bombadill* (1934), *O Silmarillion* (1977), *Outros versos do Livro Vermelho* (1962), *A última canção de Bilbo* (1974), *Os Contos Inacabados* (1980) e os doze volumes da *História da Terra Média* (1983-1996).

Entre as diversas publicações acadêmicas, especialmente sua análise de Beowulf<sup>6</sup>, com a conferência em Oxford *Beowulf, the monsters and the Critics* (1936), trabalho de maior consistência acadêmica, filológica e literária, Tolkien, sempre expressou a necessidade de entender as lendas e mitos<sup>7</sup> como elementos importantes da linguagem e da religião. Seu famoso poema *Mythopoeia* (1930), publicado no livro *Tree and Leaf* (1964) reflete a discussão entre Phylomythus (o que ama mitos) e o Mysomythus (o que odeia mitos). Essa discussão seria uma repercussão dos diálogos entre Tolkien, cristão convicto, e seu colega professor de Oxford C.S. Lewis<sup>8</sup>, na época extremamente materialista. O poema teria os conteúdos debatidos entre os professores.

“Blessed are the legends-makers with their rhyme  
of things not found within recorded time.  
It is not they that have forgot the Night,  
or bid us flee to organized delight,  
in lotus-isles of economic bliss  
forswearing souls to gain a Circe-kiss  
(and counterfeit at that, machine-produced,  
bogus seduction of the twice-seduced)<sup>9</sup>.” (Lopes, 2006, p. 157)

---

<sup>6</sup> Mais antigo poema escrito em anglo-saxão. Datado do século 8 d.C. trata da cultura escandinava e da mitologia pagã e elementos cristãos. Ver LOYN, H.R.. *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990

<sup>7</sup> Entendido como uma narrativa de criação do mundo ou de algum fenômeno natural, humano ou sobrenatural, o mito é uma constante em todas as religiões. Ver CROATTO, Severino. *As linguagens da experiência religiosa*. São Paulo, Paulinas, 2001.

<sup>8</sup> Escritor norte-irlandês (1898-1963), professor de Oxford e Cambridge de literatura inglesa. Sua conversão ao cristianismo é atribuída as conversas com o professor Tolkien.

<sup>9</sup> “Benditos os que em rima fazem lenda / ao tempo não-gravado dando emenda. / Não foram eles que a Noite esqueceram, / ou deleite organizado teceram, / ilhas de lótus, um céu financeiro, perdendo a alma em beijo feiticeiro / (e falso, alíás, pré-fabricado, / falaz sedução do já deturpado).” (Lopes, 2006, p. 158)

A referência do mundo como além do que se vê, do pensamento mitológico grego, no caso expresso pela relação entre Circe e as ilhas de Lótus em Homero<sup>10</sup>, na *Odisséia*, e também da tradição platônica<sup>11</sup>, como no mito da caverna da *República*, e também do pensamento cristão da transcendência, recusa o materialismo fundando na busca do lucro e da produção industrial, e das máquinas, como desenvolvimento absoluto.

Essa crítica<sup>12</sup> de Tolkien ao que ele considerava uma alienação e um desvio do verdadeiro propósito do saber indica sua tradição religiosa. Nesse sentido, esse trecho do poema reflete sua preocupação com os poetas como investigadores para além do mundo material. Sua valorização da mitologia, das lendas e dos poetas que as realizavam indica a recusa do tempo em que vivia, entre guerras mundiais, e da industrialização que ameaçava constantemente destruir o mundo rural na qual o próprio Tolkien crescera<sup>13</sup>.

De fato, a religião em Tolkien sempre foi importante. A reflexão sobre a verdade religiosa está presente na produção de seu *legendarium*, e também em seus escritos teóricos. A própria pesquisa do poema medieval *Beowulf* se encaminha para essa relação entre a tradição cristã, entendida como verdade de fé, revelada e acolhida, e as produções pagãs da mitologia e das lendas, que exaltavam virtudes e valores de uma determinada cultura, no caso de *Beowulf*, escandinava.

O ensaio mais importante nessa área é *On fairy-Stories* (1939), uma palestra conferida na universidade de St. Andrews, na Escócia, em 8 de março de 1939. Esse ensaio é considerado o mais extenso e abrangente de Tolkien, onde o autor demonstra toda sua visão sobre trabalhos de folcloristas, mitólogos e filólogos.

---

<sup>10</sup> Considerado primeiro grande poeta grego, suas obras datam do século VIII a.C. e marcam a poesia época.

<sup>11</sup> Relativo a Platão (428-347 a.C.), filósofo grego cujas obras fundam o pensamento ocidental.

<sup>12</sup> Existe uma leitura da obra de Tolkien como crítica à modernidade, entendida como capitalismo, Estado-Nação e ciência moderna, daí sua necessidade de recuperar valores pré-cristãos. Inspirados nas obras de literatura medieval, como os romances corteses e as canções de gesta, os escritores medievais estabeleceriam uma literatura com fins de exaltar virtudes e valores na formação cultural da Cristandade. Ver CURRY, Patrick. *Defending Middle-Earth – Tolkien: Myth and Modernity*. London, HarperCollins, 1997.

<sup>13</sup> Humphrey Carpenter, biógrafo de Tolkien mostra que sua vida esteve sempre ligada a um resgate de virtudes cristãs, principalmente ela vida de Tolkien durante as guerras mundiais e do imperialismo inglês.

Nesse ensaio, Tolkien busca apresentar conceitos fundamentais em sua teoria literária. Valorizando as lendas, narrativas e mitologias, o escritor apresenta uma visão nova, entendida como não analítica dessas produções, mas como um incentivo e uma apologia a essa literatura, como estímulo de ler e escrever. Não apenas uma apresentação acadêmica, mas um admirador e atuante do ofício de escritor.

O primeiro conceito importante apresentado é o próprio título da palestra. As estórias de fadas, *Fairy Stories*, são objeto de reflexão de Tolkien. Em inglês, fairy stories são diferentes do fairy tales, os contos de fadas. A tradução do conceito adotada é de Reinaldo Lopes<sup>14</sup>, em sua dissertação de mestrado, *A Árvore das Estórias: Uma proposta de tradução para Tree and Leaf de J.R.R. Tolkien* (2006). Nesse estudo, Lopes traduz *On-Fairy-Stories* e *Mythopoeia*, nos moldes nos quais trabalhamos. Após tal definição de fairy-stories, Tolkien desenvolve seu ensaio para responder a três perguntas: o que são estórias de fadas, qual sua origem e para que servem.

Essa tradução é proposital no pensamento de Tolkien. Ao fazer a diferença entre *history*, *stories* e *tales*, Tolkien quer de fato marcar a diferença entre história, estórias e contos. História é a realidade em que vivemos, no mundo onde acontecem os fatos aos quais estamos acostumados a ver. É a história onde acontecem os dramas puramente cotidianos, humanos e naturais. Estórias seriam as narrativas que demonstram que o homem não define o real. Existem outras dimensões do pensamento e da realidade. São as lendas, os mitos e as narrativas que demonstram que a humanidade sempre esteve ligada a um mundo que é misterioso, transcendente ao humano e sobrenatural. Os contos são aquelas narrativas que são usadas como fábulas, sem nenhuma pretensão de expor e investigar nada. Esses sim são os contos infantis e de puro entretenimento.

Essa primeira definição de Tolkien, ao fazer a diferença entre estórias de fadas e contos de fadas, marca seu objeto. Os contos de fadas são as narrativas com fadas diminutas, que normalmente são consideradas ingênuas e graciosas. As estórias de fadas são sobre um lugar, o Reino Encantado, ou Feéria, onde seres humanos adentram e vivem experiências literárias próprias. As aventuras dos seres humanos em Feéria é que são as estórias de fadas. As estórias de fadas sempre tratam de seres humanos em

---

<sup>14</sup> Jornalista e mestre em estudos lingüísticos pela USP. Participa de páginas na internet de divulgação e estudo das obras de J.R.R. Tolkien. Ver: [www.valinor.com.br](http://www.valinor.com.br)

relação consigo mesmo, com a natureza e com o mistério transcendente. Esses são os desejos que são saciados em Feéria: a observação das profundezas do tempo e do espaço e a outra é a comunhão com todas as coisas vivas.

As estórias de fadas trazem a reflexão de Feéria, em seus níveis de questionamento e de aprofundamento, que tragam a experiência humana em direção ao desconhecido e imprevisível. Segundo o próprio Tolkien, a natureza de Feéria é indescritível, porém não é imperceptível, e nenhuma análise do tipo cartesiano<sup>15</sup>, poderá desvelar seus segredos. Logo, as estórias de fadas possuem uma tradição própria, que remontam a pessoas, lugares e criaturas que podem ser encontradas em diversos tempos e lugares. Os elementos das estórias de fadas estariam misturados no grande Caldeirão de Estórias, onde os poetas e escritores fariam suas sopas, as narrativas que são construídas durante o tempo e o espaço. Os anéis de poder, os corações escondidos, o cetro, a estrela, o cristal, a espada, o dragão, o cavaleiro, o mago, os monstros. São todos elementos constitutivos das estórias de fadas.

É justamente nesse ponto que Tolkien responde sua segunda pergunta: qual a origem das estórias de fadas? Fazendo uma comparação com a filologia<sup>16</sup>, existem três metodologias de pesquisa em relação aos elementos que compõe as estórias de fadas, seja através da evolução independente, da difusão e da herança. Para Tolkien, o elemento mais difícil de tratar é a evolução independente, pois trata da invenção. A busca pela difusão, propagação no espaço, ou da herança, propagação no tempo, apenas deslocam a questão da origem para um debate mais complexo e com mais elementos.

Assim, Tolkien afirma a incapacidade do método científico analítico em desvendar as origens de Feéria, chegando no máximo a dissecar seus elementos e fazer certa arqueologia dos personagens, objetos e lugares comuns às estórias de fadas.

Porém, embora pesquisando os ossos, legumes e ingredientes de uma sopa, o que mais importa é como ela é servida e se realmente é saborosa e nutritiva. Daí a

---

<sup>15</sup> Relativo a René Descartes (1596-1650). Matemático e filósofo francês que é considerado um dos fundadores do pensamento moderno. Sua principal tese é a fundação da razão como elemento possível de encontro com a verdade do mundo, daí o aforismo Penso logo existo, presente em seu *Discurso do Método* (1637).

<sup>16</sup> Ciência que estuda o desenvolvimento de determinada língua, assim como seus principais registros históricos e transformações no decorrer do tempo. A preocupação com o documento da língua é fundadora da filologia.

preocupação de Tolkien com as funções e utilidades das estórias de fadas. Ao dialogar com Max Müller<sup>17</sup>, discorda de que a mitologia seja uma doença da linguagem, ao contrário é integrante essencial da experiência humana de comunicar. Seria o mesmo que considerar o pensamento uma doença da mente.

Fundamentalmente, as origens das estórias de fadas estão associadas ao pensamento mitológico e religioso. Ao mesmo tempo o homem inicia sua reflexão sobre o mundo em sua volta, e reconhece sua própria condição, questiona a validade de sua vida, ao mesmo tempo investiga o mundo que transcende ao que vê e a ele mesmo, se encaminhando em direção ao profundo mistério que reconhece e não consegue explicar. Tolkien, em *On-Fairy Stories*, afirma que:

“Yet these things have in fact become entangled or maybe they were sundered long ago and have since groped slowly, through a labyrinth of error, though confusion, back towards re-fusion. Even fairy-stories as a whole have three faces: the Mystical towards the Supernatural; the Magical towards Nature; and the mirror of scorn and pity towards the Man. The essential face of Faerie is the middle one, the Magical. But the degree in which the others appear (if at all) is variable, and may be decided by the individual story-teller.<sup>18</sup>” (Tolkien, 1997, p. 125)

Para Tolkien, as estórias de fadas são essencialmente sobre a Natureza. Isso corrobora para a idéia da preocupação de Tolkien sobre a condição moderna e da exploração da natureza pela ciência e pelo capital. A resistência das estórias de fadas em relação ao materialismo se expressa pelo cuidado com a Natureza. Daí a reflexão do mito

---

<sup>17</sup> Filólogo alemão (1823-1900). Considerado um dos fundadores das Ciências da Religião. Pesquisou as religiões orientais e mitologia européia. FIROLAMO, Giovanni e PRANDI, Carlo. As ciências das religiões. São Paulo, Paulus, 1999

<sup>18</sup> “Contudo, essas coisas de fato se tornaram entrelaçadas – ou talvez elas tenham sido separadas há muito tempo e tenham desde então tateado vagarosamente, através de um labirinto de erro, de confusão, de volta à re-fusão. Mesmo as estórias de fadas como um todo têm três faces: a Mística voltada para o Sobrenatural; a Mágica voltada para a Natureza; e o Espelho de escárnio e pena voltado para o Homem. A face essencial de Feéria é a do meio, a Mágica. Mas o grau em que as outras aparecem (se aparecem) é variável, e pode ser decidido pelo contador de estórias individual.” (Lopes, 2006, p. 73)

como elemento da natureza, o Trovão é Thor, porém também é o ferreiro mal-humorado, figura típica dos escandinavos.

Também as estórias de fadas têm seus elementos de reflexão sobre o ser humano, enquanto condição e destino, e sobre o mistério, centro da religião. Tanto o homem quanto a mística podem estar presentes nas estórias de fadas, porém seu fundamento é a mágica, a representação e reconhecimento da Natureza.

Nesse momento em que chegamos a terceira pergunta de Tolkien. A utilidade das estórias de fadas é justamente o de um novo olhar para o mundo. Essas estórias, por tratarem de um lugar, de um encontro entre os homens e algo que está além deles, porém presentes em seu desejo, é um lugar de novidade, de assombro e de surpresa. É o espaço em que o mistério se apresenta com novas imagens, em que os dramas humanos são re-visitados e re-atualizados e reconhecidos. Eis Feéria, que novamente se re-encanta<sup>19</sup> com o cotidiano da natureza.

Esse novo olhar promovido pelas estórias de fadas em relação à natureza é o fundamento de sua existência. O que preserva as estórias de fadas são suas virtudes e valores, presentes em si e espalhadas e difundidas em todos os que se aventuram em Feéria. Daí a associação das estórias de fadas com as crianças. Embora Tolkien discorde dessa associação imediata, diz que o fundamento de tal associação é a capacidade das crianças em acreditar em coisas novas. Que existe também nos adultos, porém de uma forma mais prejudicada, principalmente nos domínios das máquinas e do materialismo.

Essa capacidade de crença está expressa porque as estórias de fadas não estão preocupadas com a possibilidade, daí o irreal, o sobrenatural e o sobre-humano, mas sim a desejabilidade de coisas esplêndidas e transcendentais. Também essas virtudes presentes nessas coisas esplêndidas são trazidas pelas estórias de fadas através da fantasia, que é a capacidade imaginativa de formar imagens mentais que não estão presentes; o escape, transporte fora do mundo em que estamos aprisionados na matéria; a recuperação, elemento que retoma a condição de comunhão com as coisas vivas e de integralidade humana; e a

---

<sup>19</sup> Essa visão de re-encantamento pode ser uma resposta a um teórico alemão de uma geração anterior a Tolkien, Max Weber (1864-1920), que aponta uma característica da modernidade um desencantamento do mundo, entendido como a saída do pensamento idealista religioso das práticas cotidianas. Ver FIROLAMO, Giovanni e PRANDI, Carlo. As ciências das religiões. São Paulo, Paulus, 1999

consolação, que permite ao homem esperar algo além de sua visão limitada pela própria condição humana.

Tais utilidades das estórias de fadas se reúnem em um conceito central de Tolkien: a sub-criação. A principal forma das estórias de fadas atingirem seus objetivos, o encontro com Feéria, é a criação de um mundo fantástico. Cada sub-criador se utiliza dos elementos do Caldeirão de Estórias, e serve sua sopa com determinados elementos já existentes. Porém, é graças à atividade artística do sub-criador que se consegue a medida para que os meios das estórias de fadas consigam produzir frutos.

Apenas se consegue fantasia, recuperação, escape e consolo quando a medida correta é conseguida. No caso, a sub-criação é essa medida. A sub-criação é feita quando se consegue produzir uma crença secundária, em que o leitor se permitir acreditar em algo verossímil, coerente, mesmo que num ambiente de criaturas sobre-humanas, num ambiente sobre-natural, com divindades e seres muito além da realidade material.

Essa correspondência com a Criação<sup>20</sup>, o mundo no qual vivemos, passa pela realidade da divindade criadora. São as virtudes promovidas pela religião que estabelecem a correspondência, pois Deus nos indica como agir corretamente. Em suma, pode até existir um mundo com o sol verde, com árvores amarelas, porém deve obedecer a um parâmetro que permita uma explicação de que Deus, ou seus avatares, criaram o sol verde para expressar a gratidão da grama, e as árvores amarelas para mostrar a proteção do fogo quando usado para aquecer os homens. Assim, como na religião do mundo primário, na Criação, a arte sub-criativa demonstra o cuidado de Deus com a natureza e com os homens, e nisso existe a lógica religiosa real no mundo primário.

Da mesma forma, homens compostos de ferro, num mundo sub-criado, devem seguir as virtudes propostas da religião da mesma forma que os homens de carne e osso, no mundo primário, pois a honra e a coragem são importantes tanto no mundo primário, na Criação, quanto nos mundos secundários. Se ao contrário, os homens de lama forem traidores e mentirosos, serão condenados no mundo secundário, assim como traição e

---

<sup>20</sup> Na tradição católica, afirma-se Deus como criador do mundo e toda realidade em que vivemos como obra sua. Tolkien por diversas vezes defendeu a religião e a Igreja Católica. Nas escrituras bíblicas, narrativa da Criação, tanto na tradição judaica, no antigo testamento, como centro em Deus criador, como nos evangelhos, o novo testamento, vendo Deus como Pai, tal qual na oração do Pai Nosso.

mentira são condenáveis no mundo primário. Somente assim será possível estabelecer uma ligação entre o desejo dos homens e a arte sub-criativa. Em *Mythopoeia*, Tolkien escreve:

“The heart of Man is not compound of lies,  
but draws some wisdom from the only Wise,  
and still recalls him. Though now long estranged,  
Man is not wholly lost nor wholly changed,  
Dis-graced he may be, yet is not dethroned,  
and keeps the rags of lordship once he owned,  
his world-dominion by creative act:  
not his to worship the great Artefact,  
Man, Sub-creator, the refracted light  
through whom is splintered from a single White  
to many hues, and endlessly combined  
in living shapes that move from mind to mind.  
Though all the crannies of the world we filled  
with Elves and Goblins, though we dared to build  
Gods and their houses out of dark and light,  
and sowed the seed of dragons, ‘twas our right  
(used or misused). The right has not decayed.  
We make still by the law in which we’re made<sup>21</sup>.” (Lopes, 2006, p. 155)

Nesse trecho do poema, Tolkien novamente retoma a visão da sub-criação como correspondência da verdade religiosa. Apesar da queda humana, essa descrição da expulsão do homem e da mulher do Paraíso de Deus feita no relato bíblico, no livro de Gênesis, o homem ainda é filho de Deus, sua criatura. Assim, apesar de desgraçado, o homem ainda carrega em si a realeza de Deus.

---

<sup>21</sup> “Mentiras não compõem o peito humano, / que do único Sábio tira o seu plano / e o recorda. Inda que alienado,/ algo que não se perdeu nem foi mudado./ Des-graçado está, mas não destronado,/ trapos da nobreza em que foi trajado,/ domínio do mundo por criação:/ o deus Artefato não é o seu quinhão,/ homem, sub-criador, luz refratada/ em quem a cor branca é despedaçada/ para muitos tons, e recombinada,/ forma viva mente a mente passada./ Se todas as cavas do mundo enchemos/ com elfos e duendes, se fizemos/ deuses com casas de treva e de luz./ se plantamos dragões, a nós conduz/ um direito. E não foi revogado./ Criamos tal como fomos criados.” (Lopes, 2006, p. 156)

Ao recusar o deus-Artefato, Tolkien critica novamente o materialismo e a tecnologia da ciência moderna. A capacidade de compreensão e de desenvolvimento intelectual e espiritual do homem é imenso, como as luzes que se refratam em vários tons, mas a unidade é novamente resgatada no branco. Por fim, a apologia de que as histórias de fadas, com elfos, duendes, deuses de trevas e luz, dragões são parte da herança de Deus ao homem, a capacidade de criação imaginativa.

Na dimensão da consolação das histórias de fadas, existe um desdobramento fundamental, e chegamos ao conceito central no pensamento religioso de Tolkien, a eucatástrofe. A eucatástrofe significa a boa catástrofe, a virada que permite que as virtudes que estão no mundo primário prevaleçam no mundo secundário. A sub-criação na medida correta acontece quanto mais for verossímil a eucatástrofe. O final feliz não é algo romântico, bobo ou incoerente, mas parte integrante da vida e da experiência humana. Existem perdas, confusão, mortes e sofrimento, e muitas vezes essa eucatástrofe não é exatamente como gostaríamos que ela fosse. Existem mudanças e muitas vezes as coisas seguem rumos nunca imaginados. Porém o que a eucatástrofe revela é que sempre as virtudes são recompensadas e nunca nenhum sacrifício é inútil.

Deve haver uma plausibilidade, uma tensão que também existe no mundo primário, e assim estabelecer a ligação entre o mundo primário e o secundário. Assim como na Criação muitas vezes pensamos que as virtudes não são reais e inúteis, porém devemos mantê-las, para conseguirmos entender o quão válida elas são, também no mundo secundário acontece. Para afirmar esse conceito, Tolkien apresenta a maior história de fadas que ele conhece, os Evangelhos, com a narrativa da vida, ensinamentos, paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Assim Tolkien descreve na parte final de *On-Fairy-Stories*:

“It is not difficult to imagine the peculiar excitement and joy that one would feel, if any specially beautiful fairy-story were found to be ‘primarily’ true, its narrative to be history, without thereby necessarily losing the mythical or allegorical significance that it had possessed. It is not difficult, for one is not called upon to try and conceive anything of a quality unknown. The joy would have exactly the same quality, if not the same degree, as the joy which the ‘turn’ in fairy-story gives: such joy has the very taste of primary truth. (otherwise its name would not be joy.) It looks forward (or backward: the direction in this

regard is unimportant) to the Great Eucatastrophe. The Christian joy, the Gloria, is of the same kind; but it is pre-eminently (infinitely, if our capacity were not finite) high and joyous. Because this story is supreme; and it is true. Art has been verified. God is the Lord, of angels, and of men – and of elves. Legend and History have met and fused<sup>22</sup>.” (Tolkien, 1997, p. 156)

Nesse trecho, Tolkien expressa sua visão evangélica das histórias de fadas. A ideia da eucatastrofe se coloca ao lado da ressurreição. A diferença entre histórias de fadas, história e lenda é abolida. O evangelho é a vida de Jesus Cristo, que se inicia na história enquanto homem, natureza e mistério. Porém é justamente a arrebatção desses limites que orientam a fé cristã. A ressurreição é verdadeira, e por isso histórica. O mundo natural é vencido pelos milagres, curas e assombros que Jesus Cristo realiza, e finalmente a Gloria cristã é a alegria do encontro com um Deus que é Pai. Nesse sentido, Feéria é um vislumbre do Reino de Deus no mundo, nostalgia do Paraíso perdido no relato bíblico. Feéria é esse lugar de reencontro do homem com os anjos, e com os elfos..

Assim, a eucatastrofe é a característica que diferencia as histórias de fadas de outros gêneros de narrativa. A tragédia, o drama, a comédia. É essa grande virada, quando tudo parece perdido, que se assemelha com o Gloria da ressurreição. Com isso, os conceitos história de fadas, narrativa da experiência humana no Reino Perigoso, Feéria, associado com o de sub-criação, que esse reino perigoso é reflexo das escolhas originais do homem. É o evangelho que dá sentido a todas as outras histórias de fadas. Em certo sentido, o drama evangélico, com a eucatastrofe, é que inicia e redime todos as outras histórias de fadas. Para Tolkien, é o evangelho que é o Fogo que alimenta o Caldeirão de Estórias, onde surgem todas as porções da Sopa, que rasga a diferença entre Mundo Primário e Mundo Secundário, que justifica todos os sub-criadores, de todas as épocas e todos os lugares.

---

<sup>22</sup> “Não é difícil imaginar a excitação e a alegria peculiar que alguém sentiria se alguma história de fadas especialmente bela se mostrasse ‘primariamente’ verdadeira, sua narrativa ser história, sem, por meio disso, necessariamente perder a significância alegórica ou mítica que possuía. Isso não é difícil, porque não se exige que se tente conceber qualquer coisa de uma qualidade desconhecida. A alegria teria exatamente a mesma qualidade, se não o mesmo grau, que a alegria a qual a ‘virada’ numa história de fadas dá: tal alegria tem o próprio sabor da verdade primária (de outra forma o seu nome não seria alegria.) Ela olha adiante (ou atrás: a direção nesse respeito é desimportante) para a Grande Eucatastrofe. A alegria cristã, a Gloria, é do mesmo tipo; mas é preeminente (infinitamente, se nossa capacidade não fosse finita) elevada e alegre. Porque essa história é suprema; e é verdadeira. A arte foi verificada. Deus é o Senhor, de anjos, de homens – e de elfos. Lenda e História se encontraram e fundiram.” (Lopes, 2006, p. 137)

## 2) Agostinho e as virtudes.

Para aprofundarmos a relação que Tolkien estabelece entre as virtudes e as histórias de fadas, é necessário o entendimento cristão de virtudes. Para tal, a filosofia de Santo Agostinho<sup>23</sup> é a fonte da qual Tolkien entende suas virtudes.

Em *A Cidade de Deus*<sup>24</sup>, Agostinho discorre sobre como o império romano foi grandioso devido aos dons que recebeu de Deus. Mesmo sem ter a revelação do Deus único, os romanos buscaram verdadeiramente as virtudes como centro de sua glória e assim conseguiram que o maior império do mundo antigo pudesse lhes ser concedido por Deus. Dessa forma, Agostinho abre a discussão sobre a ação de Deus sobre os pagãos, que mesmo desconhecendo a revelação monoteísta e cristã poderiam seguir as virtudes como caminho para o encontro com a verdade.

“Estes são os meios honestos, a saber, chegar à glória, ao mando e às honras pela virtude, não pela enganadora ambição. Essas coisas de igual modo deseja o bom e o remisso; mas aquele, isto é, o bom, toma pelo verdadeiro caminho. O caminho em que se apóia é a virtude e apóia-se nele para o fim, que é a possessão, ou seja, para a glória, a honra e o mando. Que isso se revelou inato nos romanos indicam-no, entre eles, os templos dos deuses da Virtude e da Honra, que construíram na mais estreita união, tendo por deuses o que não passa de dons de Deus. Daí se pode inferir o fim que queriam para a virtude e a que referiam os que eram bons, quer dizer, a honra, porque os maus não a possuíam, mesmo quando desejaram ter a honra, que se esforçavam em conseguir por meios infames, isto é, com enganos e dolos.” (Agostinho, 1991, p. 208-9)

---

<sup>23</sup> Aurelius Agostinus (354-430 d.C.) é considerado um dos pilares da filosofia cristã. Professor de retórica, filósofo, sacerdote, fundador de mosteiros e enfim Bispo de Hipona, na África romana, sua vasta obra foi lida e suas idéias foram a base de toda Cristandade medieval.

<sup>24</sup> Livro extenso e cheio de referências ao mundo antigo, tanto romano como hebraico, *A Cidade de Deus* (413-426) foi escrito como fundamento da percepção cristã da história, das instituições e do poder. Após a destruição de Roma em 410, e após o embate pelagiano sobre o livre-arbítrio e a Graça, Agostinho se dedica a descrever como Deus age entre os homens e na história do mundo, conduzindo a humanidade em direção à salvação e de acordo com os planos divinos.

A visão de Agostinho sobre as virtudes como dons de Deus demonstra que os romanos obtiveram seu êxito no mundo devido a busca e veneração dessas virtudes, até mesmo como deusas em si. Enganados por não conhecerem a verdade do monoteísmo cristão, puderam gozar dos dons das virtudes. No caso o objetivo é a glória, a honra e o mando, isto é o reconhecimento entre os pares da vitória, essa vitória considerada justa e respeitável e enfim o poder de mando entre homens e Estado oriundo dessa glória e honra. Daí se explica a existência do Império romano como dom de Deus para os romanos.

A própria existência de homens que desejavam essas virtudes e não as possuíam demonstra, e embora com esforço traíam as próprias virtudes, revela a condição de gratuidade dessas virtudes. Apenas o caminho correto poderia conceder essas virtudes e ainda assim a forma e para quem era concedido de forma reta era mistério. Daí a conclusão de Agostinho sobre a concessão de Deus.

Novamente em *A Cidade de Deus*, Agostinho define a virtude, e expressa como a sua busca pode objetivamente conceder a felicidade, isto é, a realização plena do homem em seu gozo pela vida.

“A virtude os antigos definiram como a arte de viver bem e retamente. Daí, porque em grego virtude se diz arete, acreditarem os latinos traduzí-la bem com o nome de arte. Se a virtude fosse inseparável das faculdades do espírito, que necessidade haveria do deus Cácio para torná-los hábeis, isto é, inteligentes, se a felicidade é capaz de conferí-lo? Nascer engenhoso é privativo da felicidade. Em consequência, mesmo quando o não nascido não possa tributar culto a Felicidade, para que, granjeando-lhe a amizade, lho conceda, aos pais, que lho tributam, poderá conceder lhes nasçam filhos engenhosos.” (Agostinho, 1991, p. 169)

A arte de viver bem e retamente, a *arete*, é virtude. Sendo uma arte, há quem faça bem e quem não faça. Mesmo o engenhoso, o inteligente, que pode aproximar-se mais facilmente das felicidade, deve buscar essa felicidade, objetivo último da virtude. Toda virtude existe e é concedida pela busca da felicidade. Felicidade é viver bem e retamente, a virtude é a arte por onde se encontra essa vida. Mesmo quem não tem capacidade de engenhosidade e inteligência deve buscar essa vida para que os familiares em seu entorno

possam,, sendo pais ou filhos, por ventura conseguir essa felicidade. Também a concepção de que é algo que deve ser buscado e não algo inato ao ser humano, a virtude deve ser entendida como uma busca sempre. Por isso Agostinho coloca a questão de que se a virtude fosse algo inseparável do espírito, não haveria necessidade de deuses, ou seja de algo além do homem, que a concedesse.

Apesar da discussão<sup>25</sup> entre vontade e graça em Agostinho, podemos estabelecer a condição de que a virtude é algo que deve ser buscado pela vontade, porém é concedida pela graça divina. Assim, a diferença que Agostinho realiza entre querer, poder e fazer se impõe como uma expressão da busca da virtude para alcançar a felicidade, isto é a vida reta e boa. Para tal, as virtudes no mundo pré-cristão, que Agostinho investiga, demonstra nessa realidade, da mesma forma que Deus se revelou aos hebreus, também aos pagãos existiam caminhos que indicavam a presença do Cristo.

Ao identificar os objetivos romanos da felicidade como glória, honra e mando, Agostinho retoma a pessoa de Jesus Cristo como expressão central dessas qualidades. Em *O Livre-Arbítrio*<sup>26</sup>, Agostinho define Jesus Cristo como a Força e a Sabedoria de Deus. Essa definição pode se enquadrar nas características da Glória, da Honra e do mando romanos. Assim, a própria pessoa de Jesus Cristo é em si o mais glorioso, honrado e poderoso, a Honra o poder e a Glória são exclusivos do Filho de Deus.

“Porta-te com ânimo viril, e persevera acreditando na verdade em que acreditas, pois nada é mais recomendável que se acredite, embora se mantenha oculta a razão por que (tal verdade) é assim, ter de Deus o mais alto grau de devotividade; ora ninguém acredita que Ele é onipotente, e que nem por minúscula parcela (da sua natureza) está sujeito a mudança; (se não acredita)

---

<sup>25</sup> Uma das maiores polêmicas do pensamento agostiniano é a revisão que o autor realiza de suas primeiras obras. Sobre essa questão do querer, poder e fazer o livro *a Graça e Liberdade* (427), após a condenação das doutrinas pelagianas, Agostinho se propõe a elucidar as relações entre Graça, que é concessão gratuita de Deus, algo fora da capacidade humana, e a Liberdade, como atributo que caracteriza a vontade humana. Afirmando que tanto uma como a outra são necessárias na dinâmica da salvação, Agostinho afirma que ao homem é necessário querer a Graça, e para isso é necessário a Liberdade, porém não cabe a ela poder e fazer, que é concessão da Graça.

<sup>26</sup> Livro escrito em forma de diálogo, Agostinho traça os primeiros fundamentos de sua filosofia, que busca compreender como é possível ao homem cometer o mal e ao mesmo tempo buscar o bem. A resposta se faz na análise das várias opções do homem em relação a Deus, e a irrestrita capacidade humana de agir livremente. Em *O Livre-Arbítrio* (387) muitos críticos indicam a contradição entre querer e poder que Agostinho apresenta no conjunto de sua obra.

igualmente que é Ele o criador de todas as coisas boas, às quais sobreleva; que é também o dirigente justíssimo de todas as coisas por Ele criadas; e bem assim, que não foi ajudado na criação por nenhum outro ser, como quem se não bastasse a si mesmo. Daí vem ter criado do nada todas as coisas, e que procedente dele mesmo, não tenha criado mas gerado quem lhe fosse igual, esse que nós professamos ser o Filho único de Deus, e a quem, se pretendemos designa-lo mais acessivelmente, chamamos Força e Sabedoria de Deus, por meio da qual fez todas as coisas que foram feitas do nada. Assentes estas verdades, dirijamos os nossos esforços, com a ajuda de Deus e pelo modo que vai seguir-se, para a intelecção do assunto sobre que me interrogas.” (Agostinho, 1986, p.25-26)

Aqui, Agostinho exprime a coerência entre acreditar na onipotência de Deus e sua característica de Criador. Além de ser a potência original, o criador de tudo, é também o justo juiz que determina e condena tudo o que acontece no mundo. Também demonstra a geração do Filho de Deus, Jesus Cristo, como Senhor e Ordenador do mundo. Enquanto Deus é potência criadora e reguladora, Jesus Cristo é o Ordenador do mundo, ou seja aquele que domina os caminhos da vida do boa e reta vida, enfim da felicidade. E assim expressa os fundamentos da Força e da Sabedoria divina. Essas mesmas características valorizadas pelos romanos são atribuídas por Agostinho a Jesus Cristo.

Estas características de Força e Sabedoria de Deus são expressas primeiramente por São Paulo (1Cor, 1,22-31), quando afirma que Jesus Cristo transforma a noção tanto de judeus quanto de gregos na qualidade de valores de Força e Sabedoria.

No evangelho de João, a apresentação de Jesus Cristo é feita através da Palavra de Deus (Jo 1, 1-18) que é o meio pelo qual tudo foi feito, onde se encontra a vida enquanto luz que dispersa as trevas, que é voltada para Deus e é o próprio Deus. Também se revela na encarnação da Palavra como um homem que veio mostrar, ensinar e doar a capacidade humana de amar como o próprio Deus ama.

Para tal doação, Agostinho reflete sobre a virtude como também parte dessa doação do amor. Embora haja diferença entre a revelação de Jesus Cristo, sua vida e sua ressurreição, as demais virtudes humanas apresentadas no decorrer da história também são encontradas, enquanto dons de Deus, na pessoa de Jesus Cristo. Para especificar objetivamente o que se entendia por virtude, o professor Antônio Soares Pinheiro, tradutor

e comentador da edição de *O Livre-Arbítrio* aqui adotada, faz a seguinte definição de virtude, em uma das notas de *O Livre-Arbítrio*.

“O latim dispunha do substantivo *virtus* (virtude), mas não possuía o adjectivo correspondente. Uma das expressões a que se recorria para supir essa falta, era o adjectivo *justus*, e isso contribuía para que um dos sentidos da palavra *justitia* (justiça) viesse a ser o de virtude. Por outro lado, tanto *justus* como *justitia* ora se aplicavam a determinada virtude, ora à posse normal de todas, ora à sua posse no supremo grau de perfeição. A par destas acepções, *justitia* designava também o que hoje por ela entendemos, isto é, a virtude que obriga a dar a cada uma o que lhe pertence ou é devido.” (Pinheiro, 1986, p. 52)

Segundo essa definição, virtude pode ser entendida através da concepção de uma determinada virtude, ou como a posse de todas as virtudes em certo grau ou ao domínio máximo de certa virtude. A relação, portanto, entre virtude e justiça se expressa de forma íntima. O fato de justiça e justo serem associadas ao fundamento da virtude podem ser confundidas como o virtuoso ser o justo. Aqui é necessário então diferenciarmos o que é exatamente a justiça em termos de Agostinho.

A virtude é a arte de viver bem e retamente, que é a felicidade. Logo a virtude é a arte de se chegar à felicidade. Porém existem várias virtudes, como caminhos para esse objetivo. Virtude pode ser entendida tanto como a vida virtuosa, como uma determinada virtude ou como o domínio supremo de perfeição. Assim, é necessário entendermos como Agostinho compreende essas virtudes, além da justiça, que expressa seu fundamento mais íntimo. Para tal, no próprio *O Livre-Arbítrio*, existe uma definição de tais virtudes, que são retomadas em toda obra de Agostinho, inclusive em *A Cidade de Deus*.

“... prudência é o conhecimento do que se deve buscar, e do que se deve evitar.

“... fortaleza é aquela aficiência<sup>27</sup> pela qual desprezamos todas as incomodidades e perdas de bens, que não estão em nosso poder.

“... a temperança é a aficiência que reprime e afasta a vontade das coisas que se desejam aviltantemente.

“No tocante à justiça, que diremos ser ela senão a virtude pela qual se dá a cada um o que é seu.” (Agostinho, 1986, p. 59-60)

São essas as quatro virtudes que Agostinho define como fundamentos da felicidade. Todos os impérios pagãos de alguma forma conseguiram seu poder, honra e glória através dessas quatro virtudes. São chamadas de cardeais, porque indicam a direção da vida reta e boa, a felicidade. Ao aproximar o termo virtude de justiça, é necessário também apontar as outras três virtudes, para que fique claro que o virtuoso não é apenas o justo, mas aquele que busca as três outras virtudes.

Dessa forma, ao designar Jesus Cristo como Força e Sabedoria de Deus, Agostinho também apresenta as virtudes humanas que o próprio Cristo possuía e concedia. Força entende-se a fortaleza, como a superação das perdas e danos que sofremos, físicos, psíquicos ou sociais, e a justiça, como capacidade humana e social de distribuição de bens físicos, psíquicos e sociais; e enquanto Sabedoria presume-se a temperança, como autocontrole e discernimento também físico, psíquico e social, e a prudência como conhecimento daquilo que move o homem, seja para o bem ou seja para o mal e a capacidade de distinguir entre ambos.

O pensamento de Agostinho sobre as virtudes expressa-se então como um fundamento de ligação com Deus. A virtude é o caminho da felicidade, e essa felicidade é a união com Deus, é sua fruição<sup>28</sup>, entendido como a alegria, o gozo, de estar junto com

---

<sup>27</sup> Para Pinheiro (1986), em nota explicativa do texto afirma: “ Termo derivado do verbo latino *afficere*, traduz a palavra *affectio*, e designa qualquer disposição ou estado psíquico, em geral de componente afectiva.” p. 59

<sup>28</sup> Em *O Livre-Arbítrio*, em nota explicativa, Pinheiro define fruição como: “No texto latino encontra-se o verbo *perfrui*, que se poderia verter por gozar. Evita-se esta expressão por se encontrar bastante materializada, e por Agostinho Ter criado a célebre doutrina moral so uso contraposto a fruição, reservando para esta a suprema alegria da posse de Deus. Em conexão com essa doutrina, *difruir* exprime o acto de alegria espiritual.” p. 60

Deus. É esse o caminho que o cristão, ao seguir Jesus Cristo, deve abraçar. As virtudes são dons de Deus assim como a própria união com Deus. O caminho virtuoso fundamental é o seguimento de Jesus Cristo em seus ensinamentos e práticas. É a vida de Jesus Cristo que demonstra a verdadeira felicidade, que é a alegria da ressurreição, o *Gloria*, como verdade do amor de Deus e da possibilidade humana de estar unido a esse Deus.

### 3) Beowulf e as virtudes.

Depois de definirmos os conceitos literários de Tolkien, e as definições de virtude de Agostinho, retomamos agora como Tolkien avalia o poema *Beowulf*. Em seu ensaio *Beowulf: The Monsters and the critics* (1936), Tolkien busca compreender como esse texto que narra as aventuras do príncipe dos geats, povo da Suécia atual, no século IV d.C., que parte para Heorot, o salão do hidromel do Rei Hrothgar, do povo dos dinamarqueses. Em busca de glória, o príncipe Beowulf, dos geats, descobre que Heorot é atacada constantemente por Grendel, monstro antropomórfico que devora os maiores guerreiros do rei Hrothgar. Depois de lutar e matar o monstro, Beowulf também derrpota a mão de Grendel, retornando como herói honrado e glorioso para sua terra.

Depois de muitos anos, agora como Rei dos Geats, Beowulf enfrenta sua derradeira batalha, ao enfrentar o dragão que ataca seu povo. Graças a ajuda de seu parente Wiglaf, e do sacrifício de Beowulf, o dragão é morto. Porém o funeral de Beowulf prenuncia a era de tristeza dos geats, pois o maior de seus guerreiros e seu próprio Rei está morto.

Ao estudar o poema, Tolkien elenca sete pontos chaves em sua compreensão. São esses pontos que nos permitem fazer uma aproximação entre o pensamento literário de Tolkien expresso em *On Fairy-Stories* e na filosofia de Agostinho sobre as virtudes.

Esse poema foi analisado por Tolkien em seu ensaio como um poema. Eis o primeiro ponto importante. O valor literário em termos de beleza e força criativa. Tolkien ressalta esse ponto justamente porque quer delimitar sua crítica entre entender Beowulf como um documento histórico ou como um tratado teológico. Quer justamente fazer o que considera o meio termo entre ambos. Não é algo teórico filosófico ou conceitual, é um poema escrito para retratar beleza, encantamento e arte, ou mesmo tempo que não é um

documento histórico, porque não trata exatamente da história documental ou administrativa de qualquer instituição ou corpo burocrático. São mitos e lendas de um povo.

Aqui nos aproximamos de seu conceito de sub-criação. A importância de um poema é mais do que seu valor estético. Não é porque é belo, mas porque é bom e verdadeiro. A preocupação de Tolkien em afirmar que seu estudo é sobre o poema, e não em seus conceitos ou em seu contexto histórico é para ressaltar que o próprio poema enquanto arte expressa conceitos e um contexto, porém isso não é o mais importante. O importante é exatamente o impacto que o poema tem sobre o leitor. Sobre as reflexões que podem ou não possuir a aplicabilidade em outros tempos e outros pensamentos.

É exatamente esse segundo ponto que Tolkien aprofunda em seu ensaio. Faz diferença entre alegoria e mito. Para Tolkien a alegoria possui um significado direto do significante. O que é representado pode ser explicado sem maiores dificuldades através daquilo que representa. Não é assim em Beowulf que Tolkien estuda.

“The myth has other forms than the (now discredited) mythical allegory of nature: the sun, the seasons, the sea, and such things... The significance of a myth is not easily to be pinned on paper by analytical reasoning. It is at its best when it is presented by a poet who feels rather than makes explicit what his theme portends; who presents it incarnate in the world of history and geography, as our poet has done. Its defender is thus at a disadvantage: unless he is careful, and speaks in parables, he will kill what he is studying by allegory, and, what is more, probably with one that will not work. For myth is alive at once and in all its parts, and dies before it can be dissected<sup>29</sup>” (Tolkien, 1997, p.15)

A crítica de Tolkien em relação a racionalidade analítica se funda no resgate do pensamento mítico. A compreensão dos mitos como alegorias de fenômenos da natureza

---

<sup>29</sup> “O mito tem outras formas do que a (agora desacreditada) alegoria mítica da natureza: o sol, as estações, o mar e essas coisas... O significado de um mito não é facilmente posto no papel pela racionalidade analítica. Este é melhor quando é apresentado por um poeta que sente ao invés de explicitar o que o tema ostenta; que o apresenta encarnado no mundo da história e da geografia, como nosso poeta tem feito. Seu defensor está em desvantagem: ao não ser que ele seja cuidadoso e fale em parábolas, ele vai matar o que está estudando através da alegoria, e, mais ainda, provavelmente isso não vai funcionar. Pois o mito está vivo como um todo e em todas as suas partes, e morre antes que possa ser dissecado.” (tradução própria).

que os antigos não entendiam não é aceita por Tolkien. Para este o mito está vivo e é mais fácil um poeta compreendê-lo que um cientista moderno.

Essa concepção mais uma vez corrobora com seu conceito de sub-criação e mesmo de eucatástrofe. Ao estar vivo, o mito produz sentimentos e realidade que a razão analítica não consegue explicar. Somente a poesia pode se aproximar dessa explicação, dessa verdade que o poeta pode exprimir com base no mundo da história e geografia, ou seja no tempo e no espaço que pode ser compreendido pelos seus pares. Isso não significa que o próprio mito esteja preso neste tempo e espaço, porém é a maneira do poeta expressar essa realidade mítica que não pode ser explicada nem mesmo alegoricamente.

De mesma forma, ao refletir sobre a filosofia de Agostinho, as mesmas virtudes que são encontradas nos diversos povos independem do tempo e do espaço. Jesus Cristo é atemporal, e embora sua revelação aconteça em determinado tempo da história, isso não significa que os demais tempos não tivessem virtudes que refletissem seu caminho. A relação que Tolkien faz com o Mundo Primário, e daí a compreensão das virtudes, pode ser alargada para as Estórias de Fadas, e daí o entendimento do mito como eco do evangelho, independente do tempo e do espaço.

No terceiro ponto de análise de Tolkien em relação a *Beowulf*, a importância simbólica é expressa. O dragão é o mal. Esse símbolo<sup>30</sup> é presente em várias culturas, seja a serpente malévola do relato do gênesis (Gn 3, 1-14) seja a serpente de midgard<sup>31</sup>, da mitologia escandinava, que circula o mundo e vai despertar no Ragnarok, o fim dos tempos. Seja o dragão que o rei Beowulf enfrenta, mata e depois morre devido aos ferimentos seja o dragão cor de fogo do Apocalipse cristão (Ap 12, 1-18)

Para Tolkien o dragão é o mal absoluto, a morte como derradeiro fim. Na mitologia escandinava, o Ragnarok termina com todos os deuses derrotados porém com os gigantes mortos, e Surtur o grande demônio do fogo incendeia tudo e é o fim do tempo. Para

---

<sup>30</sup> Na discussão do símbolo é a representação que une a uma figura conhecida e representável ao mistério não-representável. O dragão pode ser descrito, mas o que de fato ele significa não. Eis a fundamental diferença entre uma alegoria, que podemos explicar o que representa e o símbolo, que mantém uma parte em nível de mistério. Ver CROATTO, Severino. *As linguagens da experiência religiosa*. São Paulo, Paulinas, 2001.

<sup>31</sup> Midgard era o reino do meio, como a mitologia escandinava chamava a Terra onde moramos. Esta serpente é morta por Thor, o deus do trovão e da guerra, que anda nove passos e morre devido ao veneno. A relação deste trecho do mito e da morte de Beowulf é notória. Thor é considerado o deus mais poderoso depois de Odin, o pai dos deuses. Ver BULFINCH, Thomas. *O Livro de Ouro da Mitologia – A Idade da Fábula*. Ediouro, Rio de Janeiro, 1999.

Beowulf, o que importa para conseguir glória, honra e comando é a capacidade de resistir aos apelos da covardia e da fraqueza de decisão. O mundo da pós-morte também não oferecia descanso eterno, pois os grandes guerreiros também viveriam apenas para lutarem no fim dos tempos, onde todos seriam derrotados, inclusive os deuses.

Aqui estabelecemos o quarto ponto do estudo de Tolkien, e o fundamental em relação às virtudes de Agostinho. O dogma da coragem na mitologia escandinava. A principal virtude trazida pela narrativa de *Beowulf* ecoa esse fundamento mitológico do Ragnarok. O que importa é não desistir. Não há esperança de vitória, nem mesmo com a ajuda dos deuses, porque os próprios deuses estão fadados a morrer.

Embora seja um texto que traga Grendel e sua mãe como monstros antropomorfos e devoradores de homens, ambos são descendentes de Caim da escritura hebraica. Assim a presença do cristianismo no texto é clara, também nos valores que os reis trazem em si. Força e sabedoria são as marcas fundamentais nos ideais propostos nos reis, assim como Agostinho expressa a pessoa de Jesus Cristo.

Tanto Hygelac, rei dos geats, tio de Beowulf e seu antecessor no trono, quanto Hrothgar quanto o próprio Beowulf como rei giram nessa tensão entre força e sabedoria. Enquanto Hrothgar dos dinamarqueses é a sabedoria, monoteísta, acolhedor e doador de anéis<sup>32</sup>, porém já idoso e sem forças para enfrentar Grendel que ameaça seu povo; enquanto Hygelac é valoroso, rei dos bravos geats, de onde nasceu o próprio Beowulf, e o rei Hygelac que morre em batalha em invasões de outros povos. Beowulf é apresentado como aquele que consegue ter a sabedoria e a força durante seu tempo de juventude e de herói, ao matar Grendel, e governa com sabedoria seu povo quando se torna rei, e não foge da batalha contra o inimigo último símbolo do próprio mal, o dragão.

Embora todos esses símbolos possuam concomitância entre as escrituras, e a filosofia de Agostinho em relação a força e sabedoria, e a mitologia escandinava, Tolkien apresenta a formulação própria do texto de Beowulf como a visão da coragem característica da virtude escandinava.

---

<sup>32</sup> O símbolo de doação de anéis está ligado a capacidade do rei de estabelecer alianças e compromissos, assim como sua generosidade. Ver GALVÃO, Ary Gonzales. *Beowulf*. Hucitec. São Paulo, 1992.

“So regarded Beowulf is, of course, an historical document of the first order for the study of the mood and thought of the period and one perhaps too little used for the purpose by professed historians. But it is the mood of the author, the essential cast of his imaginative apprehension of the world, that is my concern, not history for its own sake; I am interested in that time of fusion only as it may help us to understand the poem. And in the poem I think we may observe not confusion, a half-hearted or a muddled business, but a fusion that has occurred at a given point of contact between old and new, a product of thought and deep emotion.

“One of the most potent elements in that fusion is the Northern courage: the theory of courage, which is the great contribution of early Northern literature<sup>33</sup>”  
(Tolkien, 1997, p. 20)

Aqui Tolkien demonstra sua preocupação fundamental: a apreensão imaginativa do poeta que escreveu Beowulf. De fato, o conceito de estória de fada como uma sub-criação se apresenta também em Beowulf. O mundo primário é descrito, porém com elementos que estão presentes no caldeirão de estórias. Dragão, Caim, Grendel e sua mãe estão em combate com figuras de reis e heróis que se balizam nas virtudes de Agostinho. A teoria da coragem, ou o dogma, com Tolkien apresenta em seu ensaio, nos mostra o quão importante esse fundamento se apresenta na narrativa de Bewoulf. Da mesma maneira que os romanos receberam seu império como dom de Deus através das virtudes, os escandinavos também mantiveram sua cultura e sua tradição através desse dom da coragem.

É possível traçar paralelos com as virtudes de fortaleza, justiça, temperança e prudência através do dogma da coragem. E este é o quinto ponto que Tolkien apresenta em Beowulf. Este ponto de fusão entre a Cristandade e o pensamento pagão é o que se

---

<sup>33</sup> “Beowulf é considerado, naturalmente, um documento histórico da primeira ordem para o estudo do modo e do pensamento do período e um talvez demasiado pouco usado para a finalidade por eminentes historiadores. Mas é o modo do autor, o molde essencial de sua apreensão imaginativa do mundo, que é meu interesse, não história por sua própria causa; Eu estou interessado nesta época da fusão somente enquanto pode nos ajudar compreender o poema. E no poema eu penso que nós podemos observar não a confusão, um coração dividido ou negócios atrapalhados, mas uma fusão que tenha ocorrida em um ponto certo no contato entre velho e novo, um produto do pensamento e a emoção profunda. Um dos elementos mais potentes nessa fusão é a coragem nortista: a teoria da coragem, que é a grande contribuição da inicial literatura nortista.”  
(tradução própria)

apresenta no poema. Não algo misturado de forma desordenada, mas uma coerência e uma harmonia que produz um poema com valor em si mesmo.

Neste ponto, ao entender o pensamento pagão de Beowulf, e ao mesmo tempo expressar o monoteísmo de Hrotgar e a descendência de Grendel até Caim, as escrituras se fazem presente. Na mitologia escandinava não há salvação, nem mesmo para os mais fortes. O Ragnarok irá consumir a tudo, inclusive os deuses. A batalha então se torna espiritual, pois não é mais possível recuar pela própria honra.

A resistência se torna perfeita, porque é sem esperança nenhuma. A noção de que é possível agarrar a vitória pela teimosia em continuar lutando mesmo sem esperança. Ao concretizar este dogma, o paganismo de Beowulf se aproxima da paixão de Jesus Cristo, descrito no evangelho de João (Jo 18, 1-40), que o apresenta, de forma diferente dos demais evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas, onde Jesus sua sangue (Lc 22, 35-53), pede para o pai afastar o cálice (Mc 14, 32-42) ou mesmo duvida da presença do pai em sua agonia na cruz (Mt 27, 45-51).

No evangelho de João, a quem Tolkien por também se chamar João (John) considerava seu patrono<sup>34</sup>, Jesus Cristo é apresentado sem medo de seu martírio e de sua cruz. Um Jesus Cristo que busca cumprir exatamente o plano de Deus sem nenhuma dúvida. É a vontade superando qualquer sentimento de fraqueza.

O sexto ponto do estudo de *Beowulf* é a apresentação que faz da mitologia do Norte em comparação com a mitologia do Sul. Para Tolkien, o continente europeu dava muito valor aos deuses do Sul, entendido como o mediterrâneo, especificamente o mundo greco-romano, e deveria reconhecer melhor as contribuições que foram feitas em sua cultura e formação, oriundas do mundo do Norte, especificamente da Escandinávia e o Anglo-Saxão.

No ensaio, Tolkien realiza uma comparação entre os deuses e os monstros em *Eneida* de Virgílio<sup>35</sup> ou *Odisséia* de Homero<sup>36</sup> e *Beowulf*. A concepção do Ciclope como

---

<sup>34</sup> A preocupação de Tolkien em entender como os evangelhos podem ser acreditados, mesmo trazendo coisas impossíveis como os milagres, é amplamente debatido em suas cartas. A passagem do evangelho de uma Estória de Fadas, ou seja, estando mundo secundário e sua entrada no mundo primário, a consciência, ou fé, de que tais coisas realmente aconteceram, era o grande fascínio de Tolkien. Ver CARPENTER, Humpfrey (org.) As Cartas de J.R.R. Tolkien. Arte e Letra, Curitiba, 2006.

<sup>35</sup> Poeta romano (70 a.C. a 19 a.C.) principal poeta épico em língua latina. Considerado o poeta que inspirou os ideais imperiais em Roma.

um filho dos deuses que os homens devem enganar porque invadiram seu lar, e assim dentro de um jogo dos próprios deuses conseguirem voltar são para suas casas diverge completamente da visão de Grendel, sua mãe e o Dragão.

Em *Beowulf* os monstros são o mal. Os deuses são aliados dos homens em sua tentativa desesperada em lutar uma luta inútil, mas que é a única opção para os homens que merecem ser chamados assim, com base na glória, honra e poder de comando. Como os objetivos romanos em sua cidade. As relações entre os dons das virtudes são fundamentais na análise dos monstros e dos deuses. Mesmo condenando os deuses romanos como demônios e ilusões, Agostinho via nas virtudes o meio pelo qual Jesus Cristo poderia se manifestar em mundos que ainda não o conheciam. Isso reflete muito mais as descrições dos monstros e das gigantes (Gn 6, 1-8) como adversários de Deus no *Gênesis*. A aproximação é mais direta entre *Beowulf* e as escrituras cristãs. Da mesma forma, Tolkien interpreta o poema de *Beowulf* com essa ênfase.

“In *Beowulf* we have, then, an historical poem about the pagan past, or an attempt at one – literal historical fidelity founded on modern research was, of course, not attempted. It is a poem by a learned man writing of old times, who looking back on the heroism and sorrow feels in them something permanent and something symbolical. So far from being a confused semi-pagan – historically unlikely for a man of this sort in the period – he brought probably first to his task a knowledge of Christian poetry, especially that of the Caedmon school, and specially Genesis... Secondly, to his task the poet brought a considerable learning in native lays and traditions<sup>37</sup>...” (Tolkien, 1997, p. 26-7)

---

<sup>36</sup> Poeta grego do século VIII a.C. considerado fundador da poesia épica grega, cujas obras fundamentais são *Odisséia* e *Ilíada*, que descrevem a guerra de Tróia e a travessia de Ulisses.

<sup>37</sup> “Em *Beowulf* nós temos, então, um poema histórico sobre o passado pagão, ou uma tentativa que – a fidelidade histórica literal fundada na pesquisa moderna, naturalmente, não tentou. É um poema por um homem instruído escrevendo sobre tempos antigos, que ao olhar para trás no heroísmo e no pesar sente neles algo permanente e algo simbólico. Assim longe de ser um confuso semi-pagão- historicamente improvável para um homem desse tipo no período - trouxe provavelmente primeiramente a sua tarefa um conhecimento da poesia cristã, especialmente aquele da escola de Caedmon, e especialmente o *Gênesis*... Em segundo lugar, para sua tarefa o poeta trouxe um conhecimento considerável em narrativas e em tradições nativas...” (tradução própria).

Essa concepção do sentimento de pesar e de heroísmo de um povo pagão, provavelmente da própria tradição e cultura do homem instruído é o principal elo de ligação entre a escritura de *Beowulf* e Agostinho. Da mesma forma que o bispo de Hipona, professor de cultura romana, estudioso dos mitos e lendas de Roma, busca no passado de sua civilização, e mesmo nos cultos dos deuses aquilo pelo qual Deus concedeu certa virtude, o texto anglo-saxão faz o mesmo.

Sentir algo de permanente e simbólico, a verdade, expressa em versos e linhas que ecoam a teoria da coragem, o dogma da luta desesperançada, da Força e Sabedoria de Deus, Jesus Cristo, que é insensatez para os gregos e escândalo para os judeus. (1Cor, 1,23). Eis os reis que devem ser seguidos, aqueles aos quais Deus concedeu as virtudes que indicam sua predileção e seu caminho em direção a verdade da lei inscrita nos corações.

É essa mesma escrita que reflete as estórias de fadas. O evangelho justifica *Beowulf*, *Eneida*, *Odisséia*, *Gênesis*. E também os elfos e hobbits de *O Senhor dos Anéis*, do *Silmarillion* e do *Hobbit*. O fato de o homem poder criar estórias de fadas significa o fato de querer investigar as causas primeiras de sua conduta e de suas virtudes. Porque ser justo, prudente, temperante, e forte é o que busca responder nas estórias de fadas. E é justamente o evangelho que permite que tais anseios sejam portadores dessa verdade revelada.

Finalmente, o sétimo ponto que Tolkien resgata em *Beowulf* é a construção do pensamento no texto e não de sua história. Tolkien quer encontrar aquilo que permanece enquanto verdade, especificamente traduzida nas virtudes, apresentadas através da narrativa simbólica de monstros e heróis. O conflito contra o mal, simbolizado pelo dragão, é justamente o mesmo conflito de o Apocalipse cristão.

É o caráter inumano dos monstros que extrapola a reflexão de cunho histórico e de registro. São justamente as batalhas contra seres sobre-humanos e sobre-naturais que remetem a investigação e o pensamento sobre a realidade natural. A discussão cósmica sobre o destino da vida humana, seus esforços e suas virtudes. As estórias de fadas têm como centro a reflexão sobre a natureza. É o homem diante daquilo que pode e não pode. Seus limites diante do mistério e suas conquistas e descobertas diante da Criação.

“It just because the main foes in *Beowulf* are inhuman that the story is larger and more significant than this imaginary poem of a great king’s fall. It

glimpses the cosmic and moves with the thought of all men concerning the fate of human life and efforts.<sup>38</sup>” (Tolkien, 1997, p.33)

Muito além da discussão política, seja gloriosa ou honrada, as estórias de fadas tratam do destino e do sentido dos homens. As virtudes, o exemplo do Rei, não são fundamentais em si mesmas, somente em direção ao mistério do sobre-humano. Assim, a aproximação entre a permanência das virtudes presentes nas estórias de fadas, mitológicas e inventadas, é a permanência da eternidade de Deus.

As virtudes são dons de Deus e também eternas enquanto tais, porque estão presentes em Jesus Cristo enquanto verdadeiro homem e verdadeiro Deus. É isso que justifica sua existência em outros povos antes de Jesus Cristo e de diferentes culturas e tradições. Agostinho, no trecho final de *O Livre-Arbítrio*, novamente apresenta essa conclusão, quando entoava quase um hino a rectitude, o domínio pleno das virtudes.

“É porém tão grande a beleza da rectitude, tão grande o enlevo da luz eterna, isto é, da Verdade e Sapiência incomutável, que mesmo se não fosse permitido permanecer nela mais que pelo espaço de um dia, só por isso se desprezariam com razão e merecidamente inumeráveis anos desta vida, embora cheios de delícias, e de superabundância de bens temporâneos. Com efeito, não foi dito pelo salmista sem fundamento, ou com pequeno affecto: pois um só dia nos vossos átrios vale mais que milhares. Se bem que isto se pode entender noutra sentido, referindo-se os milhares de dias à mutabilidade do tempo, e designando-se pelo apelativo dia a imutabilidade da eternidade.” (Agostinho, 1986, p. 266)

---

<sup>38</sup> “É justamente porque os principais adversários em *Beowulf* são inumanos que a estória é mais larga e mais significativa que esse imaginário poema sobre a queda de um grande Rei. Isso vislumbra o cosmo e se move com o pensamento de todos os homens preocupados com o destino humanos e seus esforços.” (tradução própria).

## Bibliografia.

- AGOSTINHO, Santo. A Cidade de Deus. Petrópolis, Vozes, 1991
- AGOSTINHO, Santo. O Livre Arbítrio. Braga, Editorial Franciscana, 1986
- TOLKIEN, J.R.R. O Senhor dos Anéis. São Paulo, Martins Fontes, 2001
- TOLKIEN, J.R.R. O Silmarillion. São Paulo, Martins Fontes, 2002
- TOLKIEN, J.R.R. O Hobbit. São Paulo, Martins Fontes, 2003
- TOLKIEN, J.R.R. The Monsters and the Critics and Other Essays. HarperCollins, London, 1997.
- FIROLAMO, Giovanni e PRANDI, Carlo. As ciências das religiões. São Paulo, Paulus, 1999
- CARPENTER, Humphrey. J.R.R.Tolkien Uma Biografia. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- CARPENTER, Humpfrey (org.) As Cartas de J.R.R. Tolkien. Curitiba, Arte e Letra, 2006.
- LOYN, H.R.. Dicionário da Idade Média. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990
- CROATTO, Severino. As linguagens da experiência religiosa. São Paulo, Paulinas, 2001.
- CURRY, Patrick. Defending Middle-Earth – Tolkien: Myth and Modernity. London, HarperCollins, 1997.
- BULFINCH, Thomas. O Livro de Ouro da Mitologia – A Idade da Fábula. Rio de Janeiro, Ediouro, 1999.
- GALVÃO, Ary Gonzales. Beowulf. São Paulo, Hucitec. 1992
- BÍBLIA SAGRADA. São Paulo, Paulus, 1990
- LOPES, Reinaldo. Árvore de Estórias. Dissertação de Mestrado. São Paulo, USP, 2006.